

A busca pelo selo de "universidade classe do mundo" e os rankings acadêmicos globais pioneiros

ROSILENE CARLA VIEIRA

vieira_rosi2@hotmail.com

MANOLITA CORREIA LIMA

ESPM

mclima@espm.br

Área Temática: Estratégia em organizações

Título: A busca pelo selo “universidade classe do mundo” e os Rankings Acadêmicos Globais Pioneiros

RESUMO

Esse ensaio acadêmico examina o papel forjado pelos *rankings* globais pioneiros - *Academic Ranking of World Universities-ARWU* e *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities-THE-QS* - acerca do que seja uma universidade “classe do mundo ou mundial”. Fez-se uso da pesquisa bibliográfica associada à pesquisa documental voltado à área de Educação Internacional, objetivando responder: o que a crescente utilização dos *rankings* globais revela nessa busca pelo selo “universidade classe mundial”? A parte bibliográfica ateu-se a artigos acadêmicos e livros cujos assuntos discorreram sobre a internacionalização de ensino superior, avaliação e *rankings* internacionais pioneiros. Para tanto o Institucionalismo foi o arcabouço teórico que norteou a compreensão deste, centrado nos autores DiMaggio e Powell (1983), Scott (1995, 2008), Kostova e Zaheer (1999), Machado da Silva e Fonseca (1996, 2002); Peng (2009) e Machado da Silva e Rossoni (2010). Sobre a pesquisa documental foi realizada consultas tanto de materiais disponíveis em diversos sítios sobre o tema dos *rankings* globais, bem como de informações contidas nos sítios oficiais dos *rankings* globais pioneiros. Os resultados obtidos revelam a ausência de uma definição do que de fato venha a ser uma universidade designada classe mundial por parte do meio acadêmico.

Palavras-chave: *Rankings* Acadêmicos Globais; Internacionalização do Ensino Superior; Estratégia.

ABSTRACT

This academic essay aims to examine on the role forged by the first global rankings – Academic Ranking of World Universities, ARWU Times Higher Education and Quacquarelli Symonds World University Rankings - The Top 200 World Universities-THE-QS – about what is a "world class or global" university. It was used of literature review associated with document research focused on the area of International Education, attempting to answer: what does the increasing use of global academic rankings reveal regarding the search for the label "world class university"? The literature review part addressed to articles and books whose subjects spoke about the internationalization of higher education, evaluation and international rankings pioneers. Additionally, Institutionalism was the theoretical framework that guided this understanding, focusing on the authors as DiMaggio and Powell (1983), Scott (1995, 2008), Kostova and Zaheer (1999) and Machado da Silva and Fonseca (1996, 2002), Peng (2009) and Machado da Silva e Rossoni (2010). The document research was based on materials from sites on the topic of academic rankings as well as information contained in the official websites of the first academic rankings. The results reveal the absence of a definition of what actually will be a world class university designated by the academic field.

Keywords: Academic Global Rankings; the internationalization of higher education; Strategy.

1 INTRODUÇÃO

No século XXI foram criados os dois primeiros *rankings* acadêmicos globais. Em 2003 a Universidade Jiao Tong de Xangai desenvolve o *Academic Ranking of World Universities-ARWU* e um ano depois (2004) é criado o *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities-THE-QS* pela empresa TSL Education Ltd (revista *Times Higher Education – THE*), em parceria com a *QS Quacquarelli Symonds Ltd*, sendo essa última responsável pela coleta dos dados. Não sem razão de ser, a publicação anual dos resultados dos referidos *rankings* ocorre entre os meses de agosto/setembro (ARWU) e em outubro/novembro o (THE-QS) e é aberto à consulta pública por meio da *web*.

O contexto que favorece o surgimento dos referidos *rankings* é a expansão das fronteiras como consequência da Globalização da sociedade e da economia manifestada de várias formas, dentre elas: competição crescente por estudantes internacionais e acadêmicos, crescimento da oferta de programas no exterior, mudanças no cenário econômico global e da internacionalização do ensino superior com o crescimento de países emergentes, como o Brasil, tornando-se atores cada vez mais fortes entre outras (DE WITT, 2013).

Ainda é pertinente notar que esse ambiente competitivo eleva também crescentemente a notória visibilidade dos dois *rankings* acadêmicos globais pioneiros. Esses, no presente, integram a agenda de discussão em fóruns acadêmicos e não acadêmicos, e permitem análises comparativas sobre a internacionalização da educação superior. A metodologia empregada em relação à coleta de dados dá origem às classificações mundiais de universidades elegidas (DILL & SOO, 2005; HARFI & MATHIEU, 2006; BILLAUT et al., 2010; STAMELOS, 2010; THÉRY, 2010). Tais resultados têm servido de auxílio a pais e estudantes na escolha de instituições de educação superior internacional de maior prestígio na área de formação desejada, bem como as instituições de ensino superior, órgãos federais, agências multilaterais entre outros.

Isto equivale afirmar que a partir do século XXI, com o surgimento dos *rankings* acadêmicos globais, seus resultados podem gerar externalidades positivas para as instituições de educação superior mais bem classificadas, tanto no que se refere ao fluxo de estudantes internacionais, quanto na captação de fundos públicos (provenientes do Estado) e privados (provenientes de doações e de investimentos de acionistas). O texto de Hazelkorn corrobora com o afirmado:

Os *rankings* globais têm promovido um grande debate sobre a contribuição do ensino superior para a competitividade global das nações. Instigando, especialmente em decorrência da crise financeira global, considerável discussão sobre o balanço entre valores sociais e requisitos em relação ao desenvolvimento do capital humano através de um ensino superior universal e da habilidade de uma nação para competir no mundo da ciência. (...) Os *rankings* sustentam as exortações do governo sobre ser (o ensino) mais competitivo e sensível ao mercado e clientes, definindo uma missão distinta, sendo mais eficiente ou produtivo e tornando-se classe mundial (HAZELKORN, 2011, p.183).

Resgatando o último termo da citação acima, “tornando-se classe mundial”, termo cunhado nesse período pelo qual transcorre um grande fluxo de mobilidade acadêmica e estudantil, porém ainda sem definição. Coadunado ao fato de essa falta de definição, Altbach (2004, p. 2) notou que: “todos querem uma (universidade classe do mundo ou mundial), ninguém sabe o que é, e tampouco alguém sabe como adquirir uma”.

A busca por tornar-se uma universidade classe pode ser explicado com diversos argumentos, um deles se deve a um processo de internacionalização do setor educacional que envolve múltiplos interesses (econômicos, políticos e até acadêmicos) e distintos atores

(LIMA & CONTEL, 2011). A previsão é que “a capacidade do ensino superior global cresça mais que 150% no primeiro triênio do século XXI” (HUDZIK, 2013, p. 52).

Já de acordo a literatura institucionalista (SCOTT, 1995, 2008), para que a competição seja instaurada é necessário que se imprima “padrões de concorrência” produzidos por meio da interação entre as partes concorrentes (pares), como o preço, a qualidade e a diferenciação de produto, a sofisticação das instalações, etc. No geral, esses fatores engendram “forças concorrenciais (que) refletem as características estruturais do mercado e as condutas das organizações que nele atuam” (MACHADO DE SILVA & FONSECA, 1996, p. 101).

Por essa e por outras razões, os *rankings* acadêmicos globais pioneiros “são percebidos e utilizados para determinar o *status* de (universidades) individuais, avaliar a qualidade e o desempenho do sistema de ensino superior e mensurar a competitividade global” (HAZELKORN, 2011, p.04).

Nesta altura do raciocínio convém questionar: o que a crescente utilização dos *rankings* globais revela efetivamente na busca pelo selo “universidade classe mundial”?

Nessa direção faz-se necessário localizar os motivos que justificam a emergência dos *rankings* globais pioneiros e um breve histórico de seus dirigentes, seção 2. Seguido, seção 3, de uma análise acerca de o lugar dos *rankings* no processo de transformação das universidades, elucidando mais o rumo do processo de internacionalização da educação superior. Na seção 4 retrata os atores que contribuem para o fortalecimento dos *rankings* acadêmicos globais. Por fim, na seção 5 são tecidas as considerações finais.

Para fundamentar a reflexão desse ensaio teórico de caráter qualitativo exploratório fez-se uso da pesquisa bibliográfica associada à pesquisa documental. A parte bibliográfica teve-se a artigos acadêmicos e livros cujos assuntos discorreram sobre a internacionalização de ensino superior, avaliação e *rankings* internacionais pioneiros. Para tanto o Institucionalismo foi o arcabouço teórico que norteou a compreensão deste, centrado nos autores DiMaggio e Powell (1983), Kostova e Zaheer (1999), Machado da Silva e Fonseca (1996, 1999, 2000 e 2002), Scott (1995, 2003, 2008), Peng (2009) e Machado da Silva e Rossoni (2010). No que diz respeito à pesquisa documental foi realizada consultas tanto de materiais disponíveis em diversos sítios sobre o tema dos *rankings* globais, bem como de informações contidas nos sítios oficiais dos *rankings* globais pioneiros e CAPES.

2 O SURGIMENTO DOS *RANKINGS* ACADÊMICOS GLOBAIS E SEUS DIRIGENTES

A dimensão atribuída à importância da avaliação precipuosamente pelo Governo, à exemplo no Brasil a reforma de Estado 1995ⁱ, remete, na contemporaneidade, a um estado aparentemente nítido de competição vivenciado pelas universidades com adoção de metodologias avaliatórias comparativas. Nesse caso, por meio da avaliação e mensuração é possível traçar comparações, o que é asseverado por Hudzik (2013, p. 49):

(...) as metodologias comparativas são fundamentais para a investigação; elas identificam as semelhanças e diferenças entre as entidades e procuram explicar as

ⁱCom a reforma do Estado – Lei no 9.131 de 24.11.95 – que tratou da criação do Conselho Nacional de Educação (CNE) que, por sua vez, instituiu o sistema de avaliação das universidades – Exames Nacionais de Cursos (ENC), conhecido popularmente como Provão que vigorou de 1996 a 2003 (PITOLI, 2004, p.46). Adicionalmente, em 20 de dezembro de 1996 instituiu-se a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, no 9.394, incumbindo a União segundo o Ato nº9 incisos VIII e IX de “assegurar o processo nacional de avaliação das instituições de educação superior” e “autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições na educação superior”. Sendo essa fase, portanto, marcada pela “(...) institucionalização dos mecanismos de avaliação das Instituições de Ensino Superior – IES, como principal política pública federal para o período, fazendo emergir a figura do Estado regulador” (LIMA & CONTEL, 2011, p.45).

causas. A metodologia comparativa é crucial para a construção de compreensão intercultural, ampliação da valorização da diversidade e construção da compreensão mútua e colaborações. As metodologias “comparativas” oferecem meios de olhar não só através das fronteiras em unidades bilaterais e multilaterais, mas em termos globais.

Demo reitera (1999 *apud* LIMA, 2002, p.99) a classificação, em específico, permite “fragmentar, decompor um grande grupo em unidades menores” (DEMO, 1999 *apud* LIMA, 2002, p.99), viabilizando um panorama segmentado da realidade. Essa prática, portanto, facilita a detecção de formas de concorrência entre organizações de um mesmo setor, bem como potencializa a formulação de estratégias, como a elaboração de novas formas de políticas públicas por parte do Governo. Por essa e por outras razões, os *rankings* acadêmicos globais pioneiros “são percebidos e utilizados para determinar o *status* de (universidades) individuais, avaliar a qualidade e o desempenho do sistema de ensino superior e mensurar a competitividade global” (HAZELKORN, 2011, p.4).

Cabe aprofundar-se no fato que levou à necessidade de classificar e medir o desempenho das universidades em âmbito internacional. Invocando Souza Santos (1999, p.202), chama-se a atenção para a década de 1970, que antecede a abertura de mercado, na qual

(...) o consenso sobre a relação entre o declínio da produtividade e a desaceleração da mudança tecnológica coloca no centro da saída da crise a questão da velocidade e eficiência com que se pode traduzir o conhecimento científico em produtos e processos úteis e, conseqüentemente, no centro da questão, a universidade e a investigação científica que nela tem lugar.

O sistema econômico passa a valorizar o conhecimento como fator de geração da inovação e a universidade ganha evidência. O que, como pode ser constatado, amplia-se com a Globalização cada vez mais. No caso da China, com a abertura e modernização do mercado chinês decorrentes de uma sucessão de fatos que vão desde a revolução cultural de 1966-69, a morte do ditador comunista chinês Mao (em 1976), até a posse (em 1978) do líder comunista, modernista e reformista Deng Xiaoping. Em junho de 2003 a primeira lista classificatória de universidades com cobertura mundial é lançada: o *Academic Ranking of World Universities-ARWU* produzida pela Universidade Jiao Tong de Xangai. Percebe-se que “as estratégias, [como por exemplo, a criação do ARWU] são frutos de interação entre agentes internos e externos envolvidos por circunstâncias econômicas, sociais e históricas específicas” (MACHADO DA SILVA; FONSECA, 2002, p.107). Por conseguinte, observa-se que a criação desse *ranking* faz eco à premência do país por modernização, desde o final da década de 70, já que o *ranking* ARWU é viabilizado através de um:

(...) pedido do governo chinês ao Intitute of *Higher Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai (recentemente rebatizada de *Shanghai Graduate School of Education, GSE-SJTU*) para mensurar a diferença entre as universidades chinesas e as conceituadas universidades estrangeiras e identificar, dessa maneira, as universidades para o envio de alunos chineses (bolsistas) (THÉRY, 2009, p. 03).

Nas palavras de Nian Cai Liu (2009), diretor do *Center for World-class Universities-CWCU*, presidente da *Graduate School of Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai e que, juntamente com Professor Ying Cheng, dirige um pequeno grupo de pessoas vinculadas ao instituto responsável pela elaboração do *ranking* ARWU: “(...) começamos a trabalhar na classificação das universidades em 1998, devido ao estímulo dado pelo governo chinês, o “projeto 985”. Reforçam (LIU e CHENG) o fato de “não haver renumeração para realizar a classificação e que o fazem por interesses acadêmicos” (BILLAUT et all, 2010, p. 3). Ainda de acordo com eles, “(...) o *ranking* de Xangai (ARWU) corresponde em primeiro lugar a uma

meta nacional para, em 2020, a China dispor de universidades de reputação mundial de melhor política de ensino superior, particularmente referente à alocação de recursos (programas de bolsa)” (LIU; Cheng, 2005 *apud* HARFI; MATHIEU, 2006, p.102).

Se na origem o *ranking* ARWU objetivava atender ao pedido do governo chinês, no presente, com a Globalização, seus resultados atingem pais, alunos, gestores internacionais e atores nacionais (exs.: CAPES e CNPq), regionais (exs.: Departamento dos Estados Unidos de Educação – *The US Department of Education*; ou Associação de Universidade Européia – *The European University of Education*) ou internacionais e multilaterais (exs.: UNESCO, OCDE e BM). A adoção de práticas isomórficas tem norteado as ações governamentais antecipando a previsão de expansão do público. Práticas, nesse contexto, consideradas de “inferência de caráter mimético/cognitivo” (DiMAGGIO & POWELL, 1983; KOSTOVA & ZAHEER, 1999; SCOTT, 1995, 2008; PENG, 2009), que as organizações buscam seguir sem imposições, mas por uma necessidade externa, à exemplo dos indicadores de classificações acadêmicas globais – ARWU, THE e QS.

Levando em conta a tendência de o setor de educação superior internacionalizar-se, particularmente com a elaboração de políticas de atração de estudantes internacionais pagantes, há uma premência por classificações mundiais que possam imprimir quais são e onde estão sediadas as chamadas “universidades-classe do mundo”. Para tanto, no ano subsequente à publicação ARWU (2004) é lançado pela empresa londrina TSL Education Ltd. em parceria com a QS Ltd. o segundo *ranking* global (*Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings: The Top 200 World Universities- THE-QS*)ⁱⁱ.

Destaca-se que o segundo *ranking* denominado global não possui vínculo direto com o meio acadêmico. Tampouco os responsáveis pela edição do THE-QS foram ou são dirigentes, pesquisadores ou professores vinculados à universidade. Os responsáveis pelas três primeiras edições do THE-QS foram John O’Leary e Martin Ince. O primeiro é o editor chefe, graduou-se na Universidade de Sheffiel e atuou por oito anos como editor da seção de Educação da *The Times*. É responsável também pela edição do guia intitulado *The Times Good University Guide*, um *ranking* destinado às universidades britânicas e publicado anualmente desde 1993. O segundo, Ince, era responsável pela produção do THE-QS, jornalista, conselheiro de mídia para diversos assuntos de pesquisa britânica e escritor de vários livros sobre ciência e educação (*Assessing Quality*, 2005). Ambos, O’Leary e Ince, “deixaram em 2007 a revista *Times Higher Education-THE*, ou seja, a empresa TSL Education Ltd, para juntar-se à equipe da parceira QS Quacquarelli Symonds Ltd.”, responsável pela coleta de dados que resultam no *ranking*THE-QS.

O atual editor chefe do *ranking* e editor adjunto da revista *Times Higher Education-THE*, Phil Baty, é jornalista e detentor de vários prêmios notórios no segmento jornalístico como descrito no sítio da *Times Higher Education-THE*<http://www.timeshighereducation.co.uk/biography.asp?contact=12>.

Já o diretor fundador da QS, Nunzio Quacquarelli, possui dois MBA’s, um pela *Wharton School*, vinculado à Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos e outro pela universidade britânica de Cambridge. Na *Wharton School* liderou um grupo que ganhou o Prêmio *Moot Corp Business* em 1990, uma competição entre equipes de escolas *tops* americanas e europeias. Além de dirigir a própria empresa, há 15 anos Nunzio escreve regularmente para *The Times* sobre gestão de educação e carreira. Também contribui para

ⁱⁱÉ pertinente esclarecer que a revista especializada em Educação adquirida desde 1990 pela empresa londrina TSL Education Ltd., cujo nome era *The Times Higher Education Supplement-THES*, mas que foi renomeada de *Times Higher Education-THE* em dezembro de 2008, e o jornal “*The Times*” não possuem qualquer ligação com o *ranking* THE-QS, embora muitos pensem que seja o jornal “*The Times*” de Londres a instituição responsável por sua publicação.

outras importantes mídias no mundo como *The Guardian* (Reino Unido), *Handelsblatt* (Alemanha), *Financial Times*, entre outros.

Sem apontar nenhuma vivência na área de docência, pesquisa e tampouco acumular experiência no meio acadêmico, as breves descrições dos perfis dos responsáveis pelo segundo *ranking* global subsidiam mais algumas pistas acerca da utilização do mecanismo “*rankings* globais” na condução do ensino superior, traçando um caráter ligado à competitividade e lucratividade. Como reforça a introdução padrão das edições do *ranking* THE-QS de 2004 a 2009, respectivamente, em sua página da Internet ao expressar:

Eles (os *rankings* editados) são regularmente utilizados por alunos de nível de graduação ou pós-graduação para auxiliar na escolha de cursos, por acadêmicos para tomar decisões de carreira, pela equipe de pesquisadores para identificar novos parceiros colaborativos e pelos dirigentes da universidade para aferir seus desempenhos e traçar prioridades estratégicas.

O breve relato da criação dos dois primeiros *rankings* acadêmicos de dimensão internacional corrobora com a defesa de Dimaggio e Powell (1983, p.150) de que há dois tipos de isomorfismo: o competitivo, assumindo uma racionalidade do sistema que enfatiza a competição de mercado, mudança de nicho, medidas de desempenho”, como exemplificado na criação do segundo *ranking* global – THE-QS; e o institucional ao atentar ao fato de “que as organizações não competem só por recursos e clientes, mas também por poder político e legitimidade institucional”, como evidenciado com a criação do primeiro *ranking* global - ARWU.

No geral, a internacionalização do ensino superior, por sua vez, parece apoiar-se em práticas miméticas/cognitivas no estabelecimento de algum norte. As universidades perseguem a obtenção dos indicadores dos primeiros *rankings* acadêmicos globais para receber a concessão de um título internacional – classe do mundo – com o intuito de legitimarem sua competitividade.

A figura 1 permite uma aproximação da magnitude da prática isomórfica descrita.

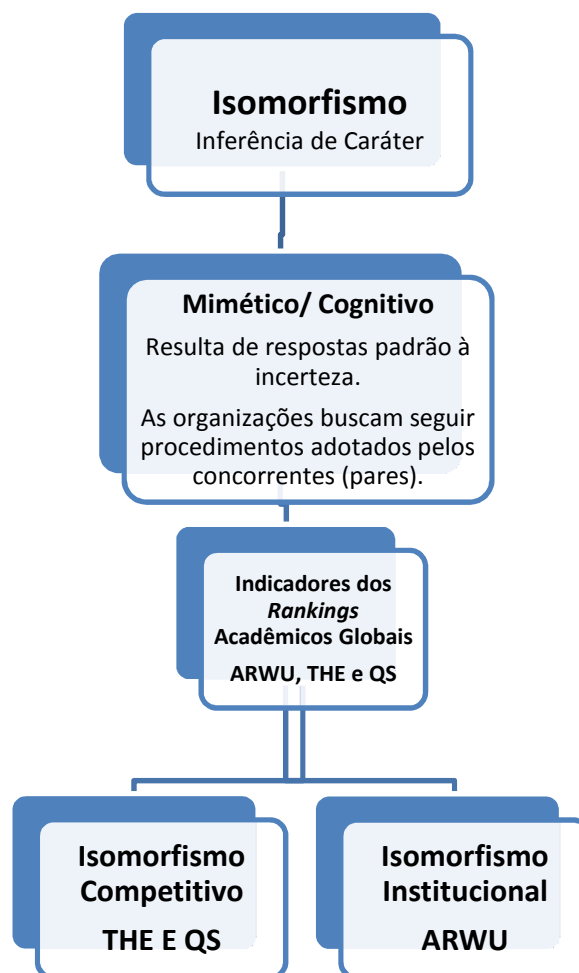


Figura 1 - Síntese da prática isomórfica mimética/cognitiva – competitiva e institucional

Fonte: Elaborada pelas autoras por meio das contribuições de teóricos institucionalistas (DiMAGGIO & POWELL, 1983; SCOTT, 1995, 2008; MACHADO DA SILVA & FONSECA, 1996; KOSTOVA & ZAHEER, 1999, PENG 2009; MACHADO DA SILVA; ROSSONI, 2010).

3 O LUGAR DOS *RANKINGS* NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES

Desse modo, na contemporaneidade, atendo-se ao regime em vigor (o capitalismo), com marcante influência estadunidense e inglesa, suscitam-se algumas percepções reveladoras sobre o reforço de uma das concepções de universidade, abordadas por Drèze e Debelle, como uma educação de caráter técnico visando ao progresso. Uma educação superior em busca expressivamente de “(...) descoberta em laboratório que se prolongará em uma invenção técnica cuja aplicação constituirá (...) uma inovação industrial” (DRÈZE & DEBELLE, 1968, p.73). Posteriormente, o estudioso americano Wolff (1993, p.35) apresenta o conceito idealizado de universidade: “como um campo de treinamento para as profissões liberais”, divergindo do processo de educação. O que, entre outros aspectos, sinaliza que a universidade, assim como qualquer outra organização que está em constante interação com o ambiente, vem buscando formas de adequar-se a novas regras de como fazer e agir atendendo às demandas econômicas, configurando-se, efetivamente, como uma organização (SCOTT, 1995, 2008; MACHADO DA SILVA & ROSSONI, 2010).

Scott (2003) reitera, sucintamente, que as organizações são coletividades orientadas para a busca de metas relativamente específicas e que apresentam estruturas sociais formalizadas relativamente sólidas. Isso pode levar à percepção de que, ao criarem as

organizações, como a universidade, “os indivíduos agem em conformidade com os seus interesses - em vez de humildemente submeter-se às restrições da estrutura social” (SCOTT, 1995, p.24). Assim sendo, dentre as tentativas visualizadas pela universidade de responder às novas restrições – especificamente de cunho mercadológico – farão uso de instrumentos de avaliação. Dentre eles, os que se centram em avaliar a inserção internacional por meio dos posicionamentos conferidos nos *rankings* acadêmicos globais.

Atrelado ao exposto e sem a definição do que seja universidades classes mundiais em âmbito internacional novamente percebe-se que as listas classificatórias globais pioneiras vão conquistando espaço e importância como um parâmetro entre os governos nacionais, internacionais e organismos multilaterais intergovernamentais para também legitimar políticas relacionadas à mobilidade acadêmica e estudantil. No entender de Dale (2004, p.441) “todos os quadros regulatórios nacionais são agora, em maior ou menor medida, moldados e delimitados por forças supranacionais (...)”.

4 ATORES QUE CONTRIBUEM PARA O FORTALECIMENTO DOS RANKINGS ACADÊMICOS GLOBAIS

Por tudo proferido até aqui, cabe indagar quais são os atores na contemporaneidade a fomentar a necessidade das universidades recorrerem a métodos avaliatórios comparativos, como os *rankings* globais ARWU, THE ou QS?

Primeiro tem-se o ambiente, ou seja, à crescente influência do processo de globalização que leva a universidade a apoiar-se em âmbito estratégico na internacionalização como meio de legitimidade. Hunter (2013, p.63) afirma que “as universidades competem não só por receita proveniente da mensalidade de estudantes ou fundos para pesquisa, porém cada vez mais por prestígio”, pela razão desse segundo configurar como garantia do primeiro. Para tanto, estudiosos têm definido a legitimidade organizacional “como a aceitação da organização por seu ambiente e proposto ser essa vital para a sobrevivência organizacional e o sucesso” (KOSTOVA & ZAHEER, 1999, p. 64). A aceitação proporcionada pelo ambiente, entre outros fatores, faz-se a partir de estruturas cognitivas que podem auxiliar na construção de entendimento e interpretação sobre a organização, sua atuação e produto(s). Dessa forma, um instrumento a contribuir com a proferida construção os *rankings* acadêmicos globais.

Segundo, tem-se o Estado o qual imprime centralidade à método avaliatórios comparativos. Contudo, por tratar-se do meio acadêmico faz-se necessário, em terceiro lugar, trazer à luz da discussão a comunidade acadêmica, pelo fato de ser esse grupo que efetivamente orienta e auxilia o Estado na regulamentação e administração do método avaliatório comparativo. Nas palavras de Clark (1983), os sistemas de governança das universidades ocorrem em um campo marcado por três vértices, o do Estado, o das corporações acadêmicas (ou comunidade acadêmica) e o do mercado, conforme ilustra a figura 3. No que se refere à comunidade acadêmica, essa é tratada “como níveis e formas da autoridade acadêmica que variam significativamente entre as nações” (CLARK, 1983, p. 110). Para tanto, Clark aclara que os níveis podem ser considerados como os lugares onde as decisões são tomadas, o que em teoria é nomeado de “estrutura de decisão”. Nessa lógica, ele classifica a autoridade acadêmica em seis níveis, indo do menor para o maior: 1º) departamentos; 2º) corpo docente; 3º) universidades e faculdades; e do 4º ao 6º nível estão representadas as entidades administrativas de aumento de inclusão voltadas à autoridade organizacional, ou seja, 4º) administração acadêmica *multicampi*; 5º) governo municipal ou estadual – “quando a autoridade (acadêmica) é concretamente um ministério ou departamento ou escritório (*bureau*) em que as influências fluem de um chefe executivo e um legislativo” (CLARK, 1983, p. 109); e, por fim, o de mais alto nível, o 6º) governo nacional – “com suas partes (acadêmicas) relevantes no executivo (*bureau*) e corpos legislativos” (CLARK, 1983, p.110). As formas, por sua vez, são tratadas pelo estudioso como enraizadas, em torno,

primeiramente das disciplinas, das empresas (no caso das faculdades que compõem a universidade) e do sistema como um todo.

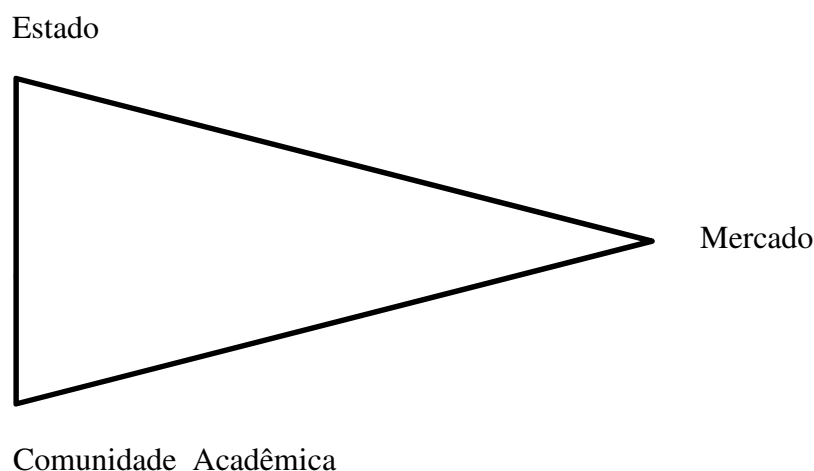


Figura 3 – Três vértices dos sistemas de governanças das universidades

Fonte: Figura adaptada de Clark (1983, p.143) pela autora em outubro de 2013.

Apesar de a historiografia da universidade recorrentemente destacar a autonomia da universidade, não são poucos os autores que evidenciam o fato de a instituição simultaneamente sofrer e exercer influência no ambiente em que atua, seja ele social, político e econômico (LIMA, 2002).

Na visão de Clark (1983), há ganho em caracterizar esse setor como um que tem se desenvolvido em sua própria estrutura maciça e procedimentos limitados que promovem algum isolamento e reforço da hegemonia sob certas atividades e funções. “Essa capacidade institucional inclui não apenas o poder dos grupos dentro do sistema para estruturar seus ambientes de trabalho imediato, mas também o poder para afetar o mundo” (CLARK, 1983, p.3). Sobre isso, no final do século XX, observa-se a existência de físicos que produziram a bomba atômica, matemáticos e engenheiros que desenvolveram o computador e biólogos que promoveram avanços importantes no campo da engenharia genética. Por outro lado, Clark chama a atenção para um ponto que antecede esses grandes feitos na área da Ciência: a autoridade acadêmica. Agentes que ajudam a regular o ambiente acadêmico, sem desconsiderar a articulação dos interesses de grupo, como as forças fragmentadas de trabalho e crença são contrabalanceadas etc.

A título de exemplo, no caso do Brasil, a CAPES, conforme ilustra a figura 4, assume-se como uma agência que induz, fomenta e avalia os programas de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em nível nacional. Dentre a composição de sua estrutura organizacional, conforme o relatório da avaliação trienal (2007-2009) divulgada em 2010,ⁱⁱⁱ o comitê de avaliação foi constituído por 27 professores de alto nível, provenientes de instituições de ensino superior pública e privada de diversas regiões do país. Em adição, as informações publicadas, em 26 de setembro de 2013, referentes à avaliação trienal 2013 enfatizam a importância do papel desempenhado pela comunidade acadêmica, pois segundo a CAPES “os resultados da avaliação trazem, portanto, importantes subsídios para ações

ⁱⁱⁱ Informações coletadas do sítio da CAPES http://trienal.capes.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O_ADMINISTRA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em outubro de 2013.

governamentais e de vários outros setores, visando o avanço científico, tecnológico e de inovação do país”^{iv}.

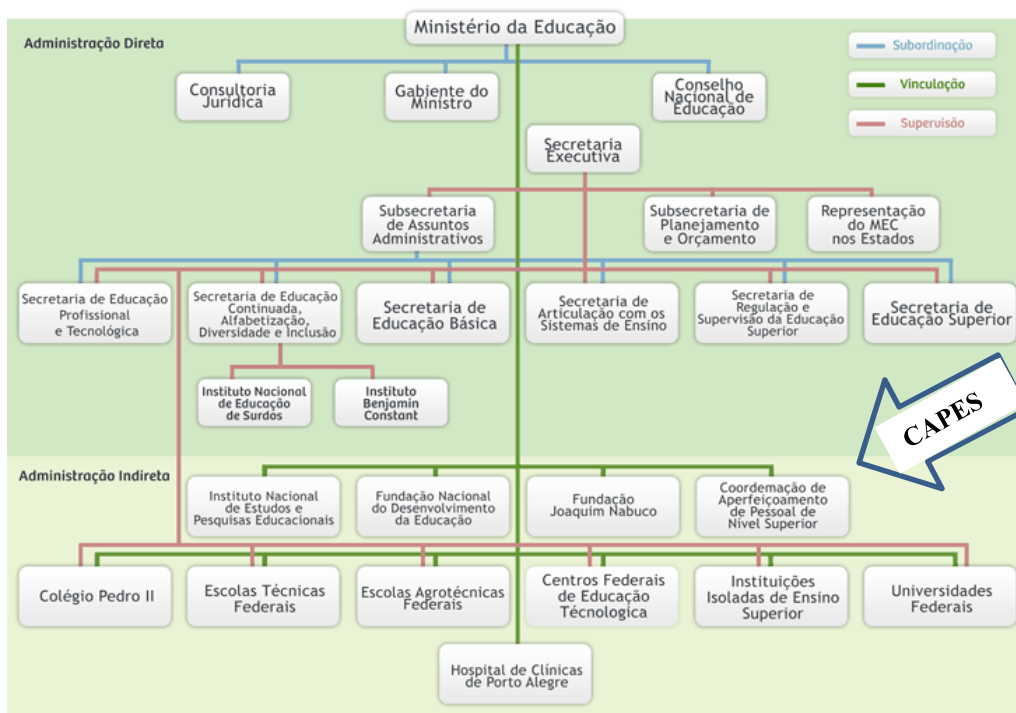


Figura 4 – Organograma do Ministério da Educação-MEC

Fonte: Figura extraída do sítio do MEC

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=1174. Acesso em outubro de 2013.

Outro documento, o relatório do seminário de acompanhamento dos programas acadêmicos da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo divulgado em novembro de 2012 pela CAPES^v, corrobora o fato de a comunidade acadêmica ser um dos principais atores na articulação da atualização e do aprimoramento do processo de avaliação e, portanto, do papel gerenciador e avaliador do Estado. De modo a exemplificar tal afirmação, o referido documento, entre outros aspectos, sintetiza o resultado de um questionário com questões abertas relacionadas à inserção internacional, aos impactos nacional e regional dos programas, e a como a área poderia promover ações que promovessem melhorias no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, e na formação de professores. Dentre tais temas, as três questões mais citadas pela comunidade acadêmica estavam ligadas à inserção internacional de instituições, cursos e programas, sendo essas:

- 1) Intercâmbio de alunos e professores com instituições internacionais, contabilizando 60 citações. No relatório é frisado que “alguns (acadêmicos)

^{iv} Informações coletadas do sítio da CAPES <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/home-page/noticias-publicas/capesiniciaavaliacaotrienal2013nodia30desetembro>. Acesso em outubro de 2013.

^v Informações coletadas do sítio da CAPES http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Relatorio_sem_acomp_adm_ac.pdf Acesso em outubro de 2013.

sugeriram que deveria ter um *ranking* das universidades no exterior para que o intercâmbio fosse ponderado pela relevância da IES parceira” (p.03)^{vi}.

- 2) Publicação Internacional com 28 citações. É salientado, no relatório, que “considerando o crescimento anual da qualidade dos periódicos que tem recebido produção de professores da área (...) o fator de impacto mínimo que definirá o limite mínimo do estrato A1 deverá dobrar novamente” (p.01 e 03).
- 3) Receber/enviar professores com um total de 27 citações (p.03).

Esses fatores são indicativos surpreendentes, quando se leva em conta que “a organização acadêmica (comunidade acadêmica) nada mais é que grupos de interesse” (CLARK, 1983, p.10) assestando os binóculos do Estado, no presente, para o processo da internacionalização do ensino superior para lidar com as novas restrições impostas pelo ambiente competitivo.

Em síntese, quanto mais o mercado se expande no século XXI, mais emerge, por assim dizer, a necessidade de segmentar o cenário por meio de mecanismos de classificação, como o sugerido pela comunidade acadêmica – *rankings* acadêmicos globais –, na busca do título “universidade classe-mundial”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse ensaio pelo surgimento e pela crescente utilização dos *rankings* acadêmicos globais na busca pelo selo “universidade classe mundial” revela-se: 1º) a ausência de uma definição do que de fato venha a ser uma universidade designada classe mundial por parte do meio acadêmico; e 2º) uma gestão menos acadêmica (cooperativista) e mais administrativa (mercadológica), já que se apoia em atos de classificação na tentativa de “nortear” o processo de internacionalização do sistema de ensino superior para aumentar o fluxo de estudantes forâneos e os recursos para os fundos de pesquisa entre outros. A prevalência das listas classificatórias acadêmicas globais - ARWU, THE e QS que suscitam a incorporação de significados externos de nível macro nas tomadas de ação estratégica de nível micro – no processo interno de conduta das universidades. A abordagem institucionalista (SCOTT, 2008; MACHADO DA SILVA & ROSSONI, 2010) permite ir além de uma simples concepção de ajustamento entre necessidades organizacionais e pressões ambientais para uma de legitimidade ao encarar a organização (universidade nesse caso) “como socialmente imersa no contexto ambiental (*embeddedness*)” (MACHADO DA SILVA & FONSECA, 2002). Logo, internacionalmente falando, universidades latino-americanas, à exemplo, podem não ser as mais notáveis pelo posicionamento obtido nos *rankings* acadêmicos globais. Porém os resultados beneficiam a legitimidade dessas universidades, propiciando a alocação de recursos que necessitam, seja interna ou externamente.

Por fim, devido à crescente notabilidade dos *rankings* acadêmicos globais em elevar o nível de inserção internacional das universidades, para futuras investigações é cabível compreender a influência da mobilidade acadêmica na inserção internacional dos programas.

^{vi} Sublinha-se que, por motivos muito próximos, a Universidade Jiao Tong de Xangai desenvolveu uma metodologia para subsidiar a elaboração do *Ranking* Acadêmico de *Universidades Mundiais*, com uma lista classificatória das 500 melhores universidades do mundo.

Referências Bibliográficas

- ALTBACH, Philip G. “The costs and Benefits of World-Class Universities. *Academe*. 2004. Recuperado em julho 2012 de <<http://www.aaup.org/AAUP/pubsres/academe/2004/JF/Feat/altb.htm>>
- AUDIZ, Jorge Luis Nicolas ; COSTA MOROSINI, Marília (orgs). *Inovação, universidade e relação com a sociedade*. Dados eletrônicos. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009. Recuperado em julho de 2012 de: <http://www.pucrs.br/edipucrs/inovacao.pdf#page=79>.
- BALBACHEVSKY, Elizabeth. Políticas de ciência, tecnologia e inovação na América Latina: as respostas da comunidade científica. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n.63, set/dez. 2011, p. 503-518. Recuperado em fevereiro de 2013 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792011000300004&script=sci_arttext
- BILLAUT, Jean-Charles; BOUYSSOU, Denis; VINCKE, Philippe. *Faut-il croire le classement de Shangai? Revue de la régulation (En ligne)*, n.8, 2º semestre 2010. Recuperado em abril de 2012 em <http://regulation.revues.org/index9016.html> DOI: en cours d’attribution.
- DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004. Recuperado em março de 2013 de: <http://www.cedes.unicamp.br>
- DIAS SOBRINHO, José. Editorial. *Avaliação*. Campinas; Sorocaba, SP, v.16, n.2, p.237-240, jul.2011.
- _____. Avaliação e transformações da educação superior brasileira (1995-2009): do provão ao sinaes. *Avaliação*. Campinas; Sorocaba, SP, v.15, n.1, p.195-224, mar.2010.
- DILL, David D.; SOO, Maarja. Academic quality, league tables, and public policy: A cross-national analysis of university ranking systems. *Higher Education*, 2005, 49: 495-533. DOI 10.1007/s10734-004-1746-8.
- DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review* 1983, Vol. 48 (April: 147-160).
- DRÈZE, Jacques ; DEBELLE, Jean. *Conceptions de l’université*. Paris, Éditions Universitaires, 1968.
- GOERDEN, Pedro. Educação Superior entre Formação e Performance. *Avaliação*. Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n.3, p.809-815, nov.2008.
- HARFI, Mohamed; MATHIEU, Claude. Classement de Shangai et image internationales des universités: quels enjeux pour la France?. *Horizons stratégiques*, 2006/2 no 2, p. 100-115.
- HAZELKORN, Ellen. *Rankings and The Reshaping of Higher Education: The battle for world-class excellence*. Palgrave Macmillan, 2011.
- KNIGHT, Jane. Modèle d’internationalization ou comment faire face aux réalités et enjeux nouveaux. IN: Banque Mondial/OCDE. *L’enseignement supérieur en Amérique Latine – la dimension internationale*. Paris: OCDE, 2005.
- KOSTOVA, Tatiana; ZAHEER, Srilata. Organizational Legitimacy under conditions of complexity: the case of the multinational enterprise. *Academy of Management Review*; Jan. 1999. Vol. 24, No 1, 64-81.
- LEITE, Denise. Avaliação, acreditação, rankings e indicadores de qualidade: implicações para a internacionalização das Universidades. *Simpósio Pensar La Universidad en Sus Contextos*. Jueves 25 agosto 2011, Panel V (Evaluación). Recuperado em fevereiro de 2013 de http://fccoordinacioneducacion.files.wordpress.com/2012/04/denise-leite_panelista.pdf

- LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. *Internacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo, Alameda, 2011.
- _____. *A ideia da universidade subjacente aos programas de avaliação*. 2002. 249 F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2002.
- MACHADO-DA-SILVA, Clovis. L.; FONSECA, Valéria. Silva. Conversação entre abordagens da estratégica em organizações: escolha estratégica, cognição e instituição. *Organizações & Sociedade*, v.9, n. 25, setembro/dezembro 2002, p. 93-109.
- _____. Competitividade organizacional: uma tentativa de reconstrução analítica. *Organizações & Sociedade*, dezembro 1996, p. 937 -114.
- MACHADO-DA-SILVA, Clovis. L.; ROSSONI, Luciano. Institucionalismo Organizacional e Práticas de Governança Corporativa. *RAC*, Curitiba, Edição Especial 2010, art.7, pp. 173-198.
- SLAGHETER, Sheila. *Academic capitalism: politics, policies and the entrepreneurial university*. London: The J. Hopkins University Press, 1997.
- SCOTT, W. Richard. Approaching adulthood: The maturing of institutional theory. **Theory and Society**. 2008, 37, 427-442.
- _____. *Institutions and Organizations*. Sage Publications. International Educational and Professional Publisher. Thousand Oaks: London. New Delhi. 1995
- SOUZA SANTOS, Boaventura (Org.). Da ideia de universidade à universidade de idéias. IN: SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez. 1999, cap. 08.
- STAMELOS, Yorgos. *De l'esprit critique au ranking universitaire: pièces d'un puzzle*. Paris, (à paraître). 2010.
- THÉRY, Hervé. Classificações de universidades mundiais, “Xangai” e outras. *Estudos Avançados* 24(70), 2010.